

A VIDA RELIGIOSA NO BRASIL FRENTE AO CENÁRIO DA COVID-19

**Ir. María Helena
Morra, ISCM***

Resumo:

A Vida Religiosa no Brasil frente ao cenário da Covid-19. Pandemias como as da Covid-19 despertam reações em todos os aspectos da vida humana, incluindo-se a fé, religião e a vida consagrada. O que nos faz pensar em como redesenhar o rosto de Deus no contexto de morte e o papel da vida religiosa frente ao cenário atual. Por outro lado, enquanto religiosos, devemos, ainda, entender o conceito de necropolítica de Mbembe para analisá-lo diante do cenário da Covid-19, especialmente, as atitudes do atual governo federal brasileiro, que reiteradamente comete ilícitos que ferem os conceitos de dignidade humana, mesmo tendo sido eleito utilizando-se do lema Deus acima de tudo. A Vida Religiosa está sendo interpelada a ter uma postura profética diante do descarte da Vida humana. Enquanto religiosos, não podemos compactuar com comportamentos prejudiciais à vida do outro. Sabe-se que o mundo não será o mesmo após a pandemia da Covid-19, mas façamos nossa parte para que, qualquer mundo esteja por vir, priorize a Vida humana.

*Membro da equipe interdisciplinar da CRB Nacional - Mestre em Teologia - Doutora em Educação. Pós doutorado na área de Ensino. Assessora da Vida Religiosa no processo de reestruturação. Membro da ETAP - pesquisadora na área do Tráfico Humano - Migração - Direitos Humanos - Membro do Comitê científico - CSEM

Palavras chave: Fé, Religião Vida Consagrada Pandemia e Ciencia.

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”
Eduardo Galeano

Durante toda a história, a humanidade enfrentou doenças que desencadearam pandemias como a que enfrentamos agora com a Covid-19. Todas as vezes em que algo dessa magnitude ocorre, por via de consequência, surgem reações em todos os aspectos da vida humana, onde também se incluem a fé, a religião e a Vida Consagrada.

Um dos mais recorrentes questionamentos é o de como podemos redesenhar o rosto de Deus no contexto de morte e o papel da Vida Religiosa frente ao cenário da Covid-19. Isto porque, catástrofes e pandemias tendem a gerar pensamentos de dor, medo, desespero e incredulidade no divino, principalmente pela ideia de um Deus todo poderoso que

não parece estar interferindo no cenário pandêmico, gerando, assim, a perda da fé.

Qual o rosto de Deus que emerge no cenário de tanta desorientação nesse momento difícil? Cenário onde o bem e o mal estão cada vez mais mesclados. Que rosto de Deus podemos vislumbrar no cenário da dor e da alegria? Olhar o presente e vislumbrar o futuro. Auscultar outras vozes alternativas que trazem possibilidades positivas neste momento de crise. Como não deixar os valores essenciais da vida se dissolverem na teia dos poderosos? Qual o sentido da vida que queremos construir a partir de uma responsabilidade coletiva e a partir de uma Vida Religiosa comprometida com a vida humana? Será que estamos dando uma resposta lúcida e efetiva para esse momento que estamos vivendo? Será que estamos respondendo com práticas religiosas antigas? O momento atual nos convoca a reencontrar o seguimento de Jesus que está tecido com clareza nos Evangelhos.

Quanto ao tema religião frente às pandemias, diversas são as premissas que devem ser analisadas para que seja traçada uma conjuntura amansadora, coerente

e realista das atitudes a serem tomadas em prol da restituição da vida e da prevenção e tratamento desta doença que nos assola. Uma das premissas, sem dúvida, é a necessidade de construção da responsabilidade coletiva a partir de uma Vida Religiosa comprometida com a vida humana. Mas como fazer isto?

Primeiramente, faz-se necessária a tentativa de diálogo com o contexto brasileiro que está cada dia mais mergulhado na experiência da pandemia da Covid-19, fenômeno que vem sendo agravado pela desorientação da esfera política federal brasileira, que está se pautando no jogo do poder e na dinâmica do capitalismo.

Então, como construir responsabilidade coletiva a partir de uma Vida Religiosa comprometida com a vida humana?

Para conquistarmos este objetivo, devemos apostar na aliança entre a fé religiosa e as atitudes científicas, visando contribuir para a erradicação de comportamentos que propaguem a ideia da aniquilação da vida humana através da lógica do capitalismo, como vem ocorrendo atualmente.

Neste intuito, portanto, faz-se necessário a menção da necropolítica, termo cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe. Seu estudo traz uma luz importante na leitura do que podemos fazer com o que estamos vivendo. A necropolítica de Mbembe nada mais é que o uso do poder social para ditar como algumas pessoas podem viver e como elas devem morrer, exatamente como vem acontecendo no cenário pandêmico que vivemos.

A necropolítica, durante a Covid-19, ocorre quando se escolhe salvar, dentre todos os seres humanos que buscam ajuda médica, aquele que tem mais chances de sobreviver, como por exemplo quando o governo faz a opção de deixar os mais idosos morrerem e prioriza os jovens como os eleitos da vida. Logo, utilizamos de um critério discriminatório sem amor à Vida e à dignidade do ser humano, pautado na necropolítica de Mbembe.

O Brasil é um dos poucos países que ainda trabalham com negacionismo científico, abandonando a responsabilidade coletiva pela vida humana, fato que é deveras contraditório com o lema do atual

governante que é o de DEUS ACIMA DE TUDO! Eis que Deus, em sua bondade, certamente optaria pela Vida das pessoas e não por quanto dinheiro elas estão produzindo para mover a economia.

O presidente Jair Bolsonaro afirma que a economia não pode parar mesmo que parte da população precise morrer para garantir essa produtividade. *“Alguns vão morrer? Vão morrer. Lamento, essa é a vida”* - disse o Presidente. É doloroso assistir alguém que, em nome de Deus, usa a lógica do capitalismo para definir e aniquilar a vida humana. Alguém que prega a supremacia de Deus e em Seu nome colabora para a morte.

O comportamento destes que dizem agir em nome de Deus contribui para que o cenário brasileiro seja demarcado por um meio dito “religioso” como fator determinante nas escolhas, meio este que, na verdade, utiliza-se da lógica do capitalismo. Parece que estamos anestesiados diante da ideologia do mercado. Afirmamos um Deus da Vida, mas ao mesmo tempo optamos pelo critério da morte quando damos preferência pelo descarte da vida da pessoa humana em favor da economia. A

dinâmica do mal parece prevalecer.

Diante do cenário vil que temos presenciado no Brasil, parece que as experiências da China, Itália, Espanha, Estados Unidos, bem como de outros países, não dizem nada para nos alertar e orientar em nossas escolhas. Contudo, deveriam.

Devemos erradicar de nossas vidas gestos irresponsáveis para com a vida do próximo, utilizando dos meios possíveis para livrar o ser humano de um maior sofrimento e, assim, levar em consideração as atitudes que nos ajudaram a enfrentar com coerência a realidade, mas sempre nos pautando no amor pela vida.

A Vida Religiosa está sendo interpelada a ter uma postura profética diante do descarte da vida humana. Enquanto Religiosas/Religiosos, não podemos compactuar com comportamentos prejudiciais à vida do outro. Neste momento, devemos manter consonância entre a nossa consagração e a ciência.

Assim como não cabe a um cientista negar a existência de Deus, não cabe à Religiosa, ao

Religioso negar os meios científicos de prevenção de doenças. Até mesmo Joseph Ratzinger, um dos mais cultos Religiosos a compor a cúpula da Igreja Católica e também um dos mais conservadores, dialoga com a ciência. Enquanto teólogo, Ratzinger sabe que a fé abandonada pela razão conduz ao fanatismo irresponsável.

Em sendo assim, não podemos compactuar com a propagação da ideia da fé desacompanhada da ciência, sob pena de contribuir para o pensamento dos corpos descartáveis.

Em época de pandemia, cada um de nós pode ser portador da Covid-19 e isso não significa apenas padecer da doença, mas também ser um transmissor desta, uma ferramenta de contaminação do próximo. Logo, se não adotarmos as medidas de isolamento e precaução determinadas pela ciência, transformamo-nos numa pequena arma, cujo potencial letal é o da morte.

Às Religiosas, aos Religiosos não compete colaborar com a destruição da vida humana, tampouco com a morte de pessoas sem que estas sequer possam se despedir de seus entes queridos

e sem que estes entes queridos também possam se despedir de seus doentes. Religião, é responsabilidade, é justiça, é amor. Podemos reafirmar citando a passagem de Jo 10,10 *“Eu vim para que todos tenham Vida e Vida em plenitude.”*

Tampouco podemos concordar com um governo que relativiza a gravidade da situação, como o faz Jair Bolsonaro, denominando uma pandemia que vem ceifando a vida de milhares de pessoas como uma “gripezinha” ou “resfriadinho”, tudo com o objetivo vil de relativizar as mortes ocorridas em total desrespeito à vida humana.

Discordemos de um governo genocida que nega a ciência e os meios científicos determinados a prevenir a contaminação exponencial da doença e fomenta a utilização imediata de medicamentos cujo uso é prematuro e potencialmente nocivo, como é o caso da substância hidroxicloroquina.

Discordemos de um governo irresponsável que em meio ao caos pandêmico demite seu Ministro da Saúde, por ego e ambição de reeleição, simplesmente porque este

segue as orientações da Organização Mundial da Saúde que visam o respeito e a preservação da vida humana.

E saibamos olhar o lado positivo de tudo isto, esta crise nos permitiu separar os grandes dos pequenos. Muitos são os políticos que surpreenderam positivamente na adoção das medidas de enfrentamento à Covid-19, optando pela orientação através da ciência e pela abordagem pró vida. E tomando medidas que vão desde o fechamento do comércio local até a luta que muitos travaram para a aprovação do auxílio emergencial aos autônomos e desempregados e microempreendedores de baixa renda.

Governadores e Prefeitos vêm demonstrando competência no enfrentamento à pandemia, priorizando o zelar pela vida humana, conforme necessário. Estes mesmos Governadores e Prefeitos vêm agindo de forma racional e científica num cenário político que não favorece atitudes como estas, pois contrárias a posição do Governo Federal.

Jamais poderemos compactuar com aqueles que pretendem democratizar o poder de matar. Jamais poderemos deixar os valores

essenciais da vida se dissolverem na teia dos poderosos. Jamais poderemos legitimar alguém que diz saber o preço da vida e ainda assim não zelar por ela.

A reflexão que fica é: Diante dos cenários desastrosos que estamos vivendo, qual o rosto de Deus que emerge ante tanta desorientação nesse momento difícil?

O rosto da compaixão, do conforto, da fé, da esperança, da união, da empatia, do zelar pelo bem comum e principalmente o rosto da responsabilidade pela preservação da vida humana. Diversas iniciativas para o abrandamento do isolamento social vêm acontecendo por todo mundo.

Na classe artística, por exemplo, a Campanha “*One World: Together at Home*” criada pela *Global Citizen* em conjunto com a Organização Mundial da Saúde, apresentou, em 18 de abril de 2020, setenta artistas do cenário mundial, que de suas casas fizeram apresentações ao público, com transmissão ao vivo pela internet e em canais de televisão e plataformas de *streaming*.

Aqui no Brasil, muitos artistas realizaram transmissões ao vivo

em suas redes sociais, isto tudo para conscientizar sobre o enfrentamento à Covid-19 em nosso país, seja com a arrecadação de dinheiro e alimentos ou também promovendo a necessidade do isolamento social para evitarmos o colapso da saúde pública.

Na Vida Religiosa não vem sendo diferente, muitas campanhas em favor da vida surgiram no cenário da pandemia, promovidas em diversas dioceses, paróquias e congregações religiosas.

Dentre elas, pode-se mencionar o projeto da *Caritas Internationalis* que criou um fundo global para projetos de assistência e prevenção à Covid-19 na África, América do Sul, Europa, Oceania e Oriente Médio, ajuda esta que certamente salvará centenas de vidas.

Por outro lado, o Vaticano enviou milhares de máscaras de proteção à China no início da crise pandêmica no oriente. Contudo, não só as grandes instituições estão tomando atitudes solidárias. Incontáveis paróquias ao redor do mundo estão se mobilizando para a confecção de máscaras para distribuição gratuita aos mais ne-

cessitados, tal como o fizeram as Irmãs Oblatas da diocese de Avellino, na Itália, que organizaram turnos de fábricas para produzir máscaras de proteção que serão distribuídas à população.

No Brasil, a CNBB e a Caritas Brasileira lançaram uma chamada à ação solidária emergencial denominada: “É tempo de cuidar”, projeto que estimula a solidariedade através da arrecadação de alimentos, itens de higiene pessoal e limpeza.

No cenário social, a Vida Religiosa também luta contra a propagação do vírus, adotando medidas extraordinárias, como a suspensão dos ritos públicos. Isto porque o compartilhamento de sacramentos em locais com aglomeração de pessoas pode colocar em risco as vidas dos fiéis, fato totalmente contrário a encíclica o Evangelho da Vida.

Portanto, baseada na postura pró vida, a Igreja Católica encontrou uma forma de responder à situação trágica que estamos vivendo, não apenas com cancelamento dos rituais presenciais, mas também com a adoção das orientações da Organização Mun-

dial da Saúde, colocando todos seus funcionários em quarentena, tudo a serviço da vida.

Nas palavras do Papa Francisco: *“a vida que somos chamados a promover e a defender não é um conceito abstrato, mas se manifesta sempre em uma pessoa de carne e osso: um menino recém-concebido, um pobre marginalizado, um doente sozinho e desanimado ou em estado terminal, alguém que perdeu o emprego ou não consegue encontrá-lo, um migrante rejeitado ou guetizado”*.

Deus vem nos mostrando que não podemos permanecer agindo como temos agido. Não podemos deixar que a busca desenfreada pelo capital permaneça contribuindo para a ocorrência de catástrofes como a da Covid-19. Enquanto Consagradas/Consagrados precisamos nos resguardar e sustentar princípios de solidariedade, de responsabilidade e de caridade.

Titus Maccius Plautus, um dramaturgo romano que viveu de 254-184 a.C., através de sua obra *“A comédia dos burros”* cunhou o conceito metafórico de que o homem é o lobo do homem. Para Plautus o homem é naturalmente

mau e por isso é seu próprio inimigo, pois seu instinto de usurpar o que é do outro gera pragas e más consequências.

Devemos abdicar da ideia de subjugação do outro para assim encontrarmos a essência de Deus. O mundo não será o mesmo após a pandemia da Covid-19, mas façamos nossa parte para que, qualquer mundo que esteja por vir, priorize a Vida humana.

Usemos o isolamento social para refletir e assim transformar, renovar e mudar nossa realidade para outra mais justa, mas sempre com a consciência e sabedoria de que não devemos nos deixar levar pelas perspectivas idealistas de um mundo perfeito.

Há dualidade universal: onde há o bem, consequentemente, haverá o mal. Contudo, não deixemos que o mal assuma o controle da nossa sociedade, principalmente ante a possibilidade de que cenários como este se repitam futuramente. Lembremos das palavras de Eduardo Galeano, a utopia serve para nos fazer caminhar. Então, não deixemos de caminhar! E não deixemos que a fé se divorcie da ciência, sob pena de estarmos contribuindo

para perpetuação de um fanatismo irresponsável que ceifa a Vida Humana.

Bibliografia:

Boff Leonardo. *La fuerza de los pequeños*. Publicado en Religion Digital el 23 de marzo.